



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador Lauro Malheiros*

22/07/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Desembargador Antonio Carlos Malheiros (Filho do Homenageado e Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Lauro Malheiros (Advogado e Filho do Homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador Lauro Malheiros, em continuidade à **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**.

O Tribunal de Justiça de São Paulo homenageou o exemplo de conduta que o desembargador **Lauro Malheiros** legou às gerações que o sucederam. O evento fez parte do projeto **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**, uma “iniciativa de preservar a história pelo resgate da memória de pessoas como o desembargador Lauro Malheiros”, afirmou o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador **José Renato Nalini**.

O orador em nome do Tribunal foi o desembargador **ANTONIO CARLOS MALHEIROS**, que integra a 3ª Câmara de Direito Público e filho do homenageado assim pronunciou:

Há exatamente 80 anos, em 1935, Lauro Malheiros iniciava seu próprio escritório de advocacia. Tinha 21 anos de idade. Mas já trabalhava desde os 13, com seu irmão Aristides, o tio Tito na Revista dos Tribunais. Tudo sem se descuidar de seus estudos no Ginásio do Braz, onde conheceu minha mãe. Nessa época, teve os primeiros contatos com Noé Azevedo, notável advogado, professor das Arcadas e, mais tarde, Presidente da Ordem dos Advogados de São Paulo, por muitos anos, com quem também, poucos anos depois, passou a trabalhar, inicialmente como datilógrafo, depois como solicitador acadêmico. E, para que essa troca pudesse se dar, tinha que encontrar um novo datilógrafo. Encontrou: um jovem de 15 anos, que datilografava com uma velocidade incrível e apenas com os dois dedos indicadores, Theotônio Negrão, seu grande amigo, durante toda a vida, testemunha em meu registro de nascimento.

Meu pai advogou por 32 anos. Combativo, mas sempre com extrema elegância. Culto e inteligente, mostrava-se sempre intensamente preocupado com as causas, que tinha sob os seus cuidados, não se importando muito com a vantagem financeira, que teria. Com um notável senso humanitário, tinha um razoável rol de pessoas, que assistia, absolutamente de graça. Ético e extremamente simpático, tinha centenas de admiradores.

Cuidava de cada cliente, como se fosse o único.

Advogava, até quando dormia. Várias vezes acordava no meio da noite, indo para o escritório, que mantinha em casa, para terminar determinadas peças processuais, porque, em sonhos, tinha descoberto soluções para difíceis questões, trazidas por seus clientes.

Além do movimentado escritório de advocacia, no qual trabalhava praticamente sozinho, foi Conselheiro da Ordem dos Advogados desta Seção, do Instituto dos Advogados de São Paulo e, também, um dos primeiros, com Theotônio Negrão, da AASP, da qual foi Diretor.

Dedicava-se intensamente à Santa Casa de Misericórdia, da qual foi Procurador Jurídico, atividade por completo, voluntária.

Foi Presidente do Clube de Regatas Tietê, ao qual pertencia desde a juventude, praticando remo e atletismo.

Conviveu, na Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga, com os Desembargadores José Vicente Franceschini e Prestes Barra, seus grandes amigos e companheiros na inauguração do saudoso TACRIM, em 1967, onde chegou pelo 5º Constitucional, passando o escritório para meu querido irmão, meu professor de advocacia, Lauro Malheiros Filho, que com a Fátima, sua esposa, mantém a mesma qualidade de serviços.

No TACRIM trabalhava sem parar, com produção intensa e sempre de ótima qualidade. Sem gabinete, sem informática, sem funcionários só seus, não abandonava o escritório lá de casa, enquanto tivesse sobre a mesa processos com fita vermelha, o que significava réus presos.

Algumas vezes, perguntando à minha mãe porque eles ainda não haviam saído, ouvi dela, chateada: “seu pai e os réus presos dele...”

Intrépido, foi o primeiro Juiz brasileiro a enfrentar o Ato Institucional nº 05, concedendo um famoso “Habeas Corpus”.



“Quer e faz” e “nada como a alegria do dever cumprido”, bem como porque estava sempre zerado com a distribuição de processo, faz com que eu ainda tenha longas conversas com meu analista.

Chegou a este Tribunal, tomando posse na UTI do PROCORDIS, em 1978, pois, na semana de sua promoção, emocionado, teve um enfarto, que lhe tomou quase todo o coração. O emocionante procedimento foi comandado pelos saudosos José Rubens Prestes Barra e Adriano Marrey, em um momento que papai estava lúcido, durando uns poucos minutos. Teria, tal posse, durado mais, se o Presidente em exercício, o Desembargador Marrey, tivesse permitido que ele proferisse discurso, que insistia em dizer, mesmo deitado, naquela situação crítica.

Depois de longa licença, para tratamento de saúde, iniciou sua jornada, como Desembargador, em uma das Câmaras Criminais de então. Mas não conseguiu permanecer por muito tempo. Sua saúde, depois daquele grave ataque cardíaco, não voltou a ser a mesma de antes, aposentando-se em 1981.

Não quis voltar à advocacia. Convites meus e do Lauro não faltaram. Mas quis voltar para onde começou, para a Revista dos Tribunais, onde, desta vez, trabalhou até o seu falecimento, em 1992.

Que falta ele faz!

Severo com os filhos. Diz a lenda que com os mais velhos, Bel, Lauro e Zizi, ele era pior. Conosco, os mais novos, eu e o Paulo, a situação já era melhor. Posso imaginar como era antes...

Depois de 70 anos, foi amansando, tornando-se um avô, de uma doçura imensa.

Vale observar que tal severidade dele vinha de um enorme amor, que tinha por todos nós. Na verdade, nada mais queria, que os filhos acertassem na vida. E com acertos e erros fomos em frente, muito graças a ele e a mamãe, com quem ele se casou naquele mesmo 1935. Uma união perfeita, extremamente amorosa, de 57 anos, que, na verdade, ainda perdura. Casal de uma religiosidade intensa, de missa diária. “Justiça e Caridade”, lema de um dos santos de devoção, Santo Ivo, era sempre lembrado por ele que buscava sua santificação pelo trabalho.

Em um final de tarde, de um dia difícil com o falecimento de um amigo, sentado com o Paulo Bonfim, eu disse, em desabafo: “É Paulo, a vida, esse poema inacabado...”, que ele, o poeta dos poetas, de pronto completou: “escrito por mão desconhecida, impresso no livro do destino e que termina quando formos despedida”.

De meu pai eu não pude me despedir. Então, até sempre papai!

Em nome da família falou o advogado LAURO MALHEIROS, filho mais velho do homenageado:

Confesso, com sincera emoção, a atribuição que me foi conferida, para em nome da família de Lauro Malheiros, agradecer a homenagem que o Tribunal de Justiça de São Paulo, presta ao meu pai na comemoração dos 150 anos deste Tribunal.

É com grande alegria que aceito esta incumbência neste momento em que a figura de meu saudoso pai, símbolo de todas as virtudes, como pai de família, advogado e magistrado, um exemplo de dignidade, senso de dever, honestidade, sabedoria, que pautou sempre pelo espírito de luta em defesa do direito, uma das glórias da Justiça bandeirante, é homenageado por este Tribunal.

Aproveito a oportunidade para expressar a minha gratidão ao meu querido pai por ter legado o seu nome à minha pessoa, o que representa para mim uma enorme responsabilidade e, por ter me encaminhado para a vida profissional, ao me presentear em 1967, com seu escritório de advocacia, quando ingressou na magistratura, escritório esse criado em 1935 e, que neste ano comemora 80 anos de vida, sem sofrer nenhuma interrupção de funcionamento, ou seja, mais da metade de vida deste Egrégio Tribunal, que neste ano comemora seus 150 anos de existência.

Falou-se muito de LAURO MALHEIROS como advogado exemplar e magnífico magistrado, mas faltou destacar a participação de meu pai como grande colaborador da Justiça deste País, por sua atuação por aproximadamente 40 anos, como Diretor de Redação da Revista dos Tribunais, cargo que exerceu até sua morte, ocorrida em 20 de junho de 1992.

Não me sai da memória, a sala da “Revista dos Tribunais”, situada no primeiro andar deste Tribunal, onde durante três anos atuei como revisor deste periódico jurisprudencial, fazendo parte da equipe comandada pelo meu pai.



A “Revista dos Tribunais” era uma secção deste Tribunal, para onde eram remetidos os processos, após a redação dos acórdãos, juntamente com acórdãos de outros tribunais da federação, bem como julgados dos Tribunais Superiores, e, após exame, eram separados por meu pai por matéria, considerando a importância do assunto, o qual depois, distribuía aos demais redatores para elaboração das ementas e redução dos julgados - tudo voltava para conferência das provas já impressas pelo Setor Gráfico da empresa Revista dos Tribunais, meticulosamente conferidas pelo meu pai antes da publicação mensal da Revista, considerada órgão oficial de publicação de jurisprudência do Tribunais de São Paulo e de outros nove estados deste País.

Esta função de redator da “Revista dos Tribunais” por 40 anos, fez de LAURO MALHEIROS um jurista eclético, profundo conhecedor de todos os ramos do direito e um autêntico colaborador da Justiça deste País, que por muitos anos ditou a jurisprudência oficial deste Tribunal e de nove outros estados da Federação.

O exemplo de vida profissional de LAURO MALHEIROS, refletiu a vários de seus descendentes, filhos e netos, que abraçaram o ramo do direito, tanto na advocacia, como na magistratura e no Ministério Público.

Não poderia terminar a minha fala de agradecimento em nome da minha família, da homenagem prestada por este Tribunal ao meu amado pai, sem deixar de mencionar parte da “Prece de um Juiz”, recitado por ele em seu livro “Rosas no Inverno – Memórias”, quando ingressou na magistratura: “Quão pesado e terrível é o fardo que puseste nos meus ombros! Ajuda-me, Senhor! Faze com que eu seja digno desta excelsa missão! Que não me seduza a vaidade do cargo, não me invada o orgulho, não me atraia a tentação do Mal, não me fascinem as honrarias, não me exaltem as glórias vãs. Unge as minhas mãos, cinge a minha fronte, bafeja o meu espírito, a fim de que eu seja um sacerdote do Direito, que Tu criaste para a Sociedade Humana. Faze da minha toga um manto incorruptível. E da minha pena não o estilete que fere, mas a seta que assinala a trajetória da Lei, no caminho da Justiça!”.

E Deus ouviu suas preces

O presidente do Tribunal **José Renato Nalini** tomou a palavra ao final e destacou a importância que os exemplos de profissionalismo digno, de um lado, e amor filial, por outro, representam neste momento em que o País passa por “crise de perda de valores”.

Prestigiaram a cerimônia o vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli; o secretário de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, desembargador Aloísio de Toledo César, representando o governador; o presidente da Seção de Direito Criminal do TJSP, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o ministro José Carlos Dias; a diretora da International Association of Women Judges para América Latina e Caribe, desembargadora Maria Cristina Zucchi; o secretário Municipal dos Negócios Jurídicos de São Paulo, Robinson Barreirinhas, representando o prefeito; o conselheiro da Associação dos Advogados de São Paulo, Rogério de Menezes Corigliano, representando o presidente; o conselheiro e presidente da Comissão de Relações com o Poder Judiciário Estadual, Braz Martins Neto, representando o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo; o procurador do Estado respondendo pelo expediente do Contencioso Geral da Procuradoria Geral do Estado, Fábio Trabold Gastaldo, representando o procurador-geral; os juizes assessores da Presidência Afonso de Barros Faro Júnior, Maria de Fátima Pereira da Costa e Silva, Kleber Leyser de Aquino e Fernando Awensztern Pavlovsky; a presidente do Comitê de Ação Social e Cidadania do Tribunal (CASC), Maria Luiza de Freitas Nalini; o chefe da Assessoria Policial Militar do TJSP, coronel PM Washington Luiz Gonçalves Pestana; o chefe de gabinete da Presidência e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; a filha do homenageado, Maria Luísa Malheiros Leite Cordeiro; as noras Fátima e Cristina; os netos Antônio Francisco, José Paulo, Ana Luísa, Maria Isabel, Rodrigo, Rachel, Diogo e Carolina; os bisnetos Isabela e Vitor; desembargadores; juizes; servidores; advogados; familiares e amigos.

